



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**“Você é o que você come?”. Identidades culturais e alimentação:
experiências do PIBID no Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da UFRPE
- 2017**

Luanna Priscylla da Silva Santos

Recife
2019

Luanna Priscylla da Silva Santos

“Você é o que você come?”. Identidades culturais e alimentação: experiências
do PIBIDno Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da UFRPE - 2017

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao
Departamento de História da Universidade
Federal Rural de Pernambuco, como requisito
para obtenção do título de Licenciada em
História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rozélia Bezerra

Recife

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Biblioteca Central, Recife-PE, Brasil

S237v Santos, Luanna Priscylla da Silva

"Você é o que você come?". Identidades culturais e alimentação:
experiências do PIBID no Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da
UFRPE, 2017/ Luanna Priscylla da Silva Santos. – 2019.
23f. : il.

Orientadora: Rozélia Bezerra.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade
Federal Rural de Pernambuco, Departamento de História, Recife,
BR-PE, 2019.

Inclui referências e anexo(s).

1. História – Estudo e ensino 2. Alimentos – História 3. Hábitos
alimentares I. Bezerra, Rozélia, orient. II. Título

CDD 981

Luanna Priscylla da Silva Santos

“Você é o que você come?”. Identidades culturais e alimentação: experiências do PIBID no Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da UFRPE - 2017

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rozélia Bezerra

Recife, ____ de julho de 2019.

Banca Examinadora

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rozélia Bezerra
DeHist – UFRPE

Prof. Dr. Wellington Barbosa
DeHist- UFRPE (Examinador interno)

Ms. Sílvia Cadena
Professor da Rede Privada de Ensino (Examinador externo)

Sumário

- Apresentação..... 5 –6

Artigo (Sem paginação)

- Resumo
- Abstract
- Introdução
- A proposta e a metodologia
- Conversando sobre Identidade(s)
- Conversando sobre memória gustativa: você perde algo da sua história por perder o registro dela?
- Comida rápida e juventude: globalização do comer
- Avaliando circulação, apropriação e uso do conhecimento
- Considerações finais
- Bibliografia
- Anexos

Apresentação

Este trabalho foi desenvolvido a partir das possibilidades que o PIBID-CAPES gerou. A vigência da bolsa no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) durou entre agosto de 2016 e fevereiro de 2018, e facilitou a execução de diferentes projetos: “A História está na Mesa!”, “Você é o que você come?” (tema deste trabalho), “Reconhecendo a História”, “Cidadania e Democracia”, “Conhecimento e Liberdade”, “Fotografia Analógica” e outros trabalhos dedicados a reforços escolares e aulas pré-vestibulares. O presente trabalho tem o objetivo de narrar a experiência do projeto “Você é o que você come?”

Compreende-se que o PIBID proporciona um encontro de cada licenciando com realidades escolares distintas. A facilidade ou dificuldade de realizar projetos pedagógicos tem relação direta com tais realidades, conforme foi possível observar nos comentários de outros bolsistas. Neste caso, os projetos realizados aconteceram no Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da UFRPE (CODAI), uma escola que oferece cursos técnicos, EAD e ensino médio, considerada referência na cidade de São Lourenço da Mata. A escola passou por ajustes em sua estrutura, e também conta com um prédio anexo e grande área na zona rural da referida cidade.

As turmas do CODAI não se encontram em estado de superlotação, diferente de comentários de outros bolsistas PIBID, em relação a suas escolas de atuação, durante as reuniões do programa. Outro ponto favorável aos projetos no CODAI foi a existência de aulas vagas nos turnos, sendo possível a realização de atividades na mesma sala das turmas. Muitos estudantes residem longe da escola, e as atividades no contraturno comumente atraem menos estudantes. O projeto em discussão surgiu após certa convivência com a turma, o que permitiu ouvir mais sobre os interesses dos estudantes. Foi dividido em três momentos, que estão organizados no artigo em tópicos.

Durante a bolsa do PIBID, foram realizados diversos projetos, como já foi citado. Grande parte do conteúdo explorado se conecta com História da Alimentação. Para o projeto tema deste trabalho, “Você é o que você come?”, Massimo Montanari (2013) forneceu o aporte teórico sobre a percepção da comida como produto cultural, desde o preparo até a forma como se serve e com quem é compartilhada. Ao falar sobre *fast food*, as ideias de Claude Fischler (2015) serviram como base para um dos dias do projeto, em que foi realizada uma dinâmica. A conexão entre Montanari e Fischler foi feita através do argumento, ainda

que passível de críticas, de que o *fast food* também cria ambientes e situações de convívio mais atrativas para certos grupos da sociedade. Para falar sobre memória gustativa, o texto de Mariana Corção (2017) foi fundamental, dialogando com as experiências dos estudantes, compartilhadas na sala de aula através de fotografias, textos escritos e depoimentos. As fotografias e outros objetos também foram utilizados a partir da discussão sobre o objeto gerador, feita por Francisco Régis Lopes Ramos (2004). Sobre ensino de História, Ricardo Oriá (2013), Fábio Pestana Ramos (2013) e Ilza Martins Sant'Anna embasaram o trabalho, orientando em relação aos conceitos de memória, novos temas na sala de aula e ainda formas de avaliar a aprendizagem. Por fim, Stuart Hall (2005) contribuiu com as ideias sobre identidades culturais, tomadas neste trabalho como múltiplas e coexistentes.

Pretende-se, neste artigo, reforçar a importância da História da Alimentação no ensino de História, possibilitando aulas mais dinâmicas e interessantes para os estudantes que comumente consideram História uma disciplina menos envolvente, como foi o caso de “Você é o que você come?”. Objetiva-se, assim, contribuir para o Ensino de História, contabilizando mais uma experiência exitosa com uma maneira alternativa de trabalhar as ideias e conceitos que fazem parte desta disciplina escolar.

“Você é o que você come?”. Identidades culturais e alimentação: experiências do PIBID no Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da UFRPE - 2017

Resumo

Este trabalho apresenta as experiências do projeto pedagógico “Você é o que você come?”, realizado no mês de maio de 2017, com estudantes do 2º ano do ensino médio do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da UFRPE, localizado no município de São Lourenço da Mata. Como resultado de experiências possibilitadas pelo PIBID-CAPES, este projeto objetivou destacar a relação entre gostos alimentares e identidades culturais, além de apontar os participantes como parte das histórias sobre as quais falamos nas aulas. O projeto foi dividido em três momentos, para discutir identidades, memória gustativa e a influência dos *fast food* na vida dos estudantes. Ao longo das atividades, foram usados a lousa, bem como objetos da vida dos participantes. Para avaliar a circulação, apropriação e uso dos conhecimentos compartilhados na sala de aula, foram utilizados textos escritos pelos estudantes, bem como a observação da participação nos debates. Os textos reforçam a Alimentação como um novo tema na sala de aula, abrindo novas perspectivas no ensino de História.

Palavras-chave: Identidades. História da Alimentação. Ensino de História.

Abstract

This work presents the experiences of the pedagogical project "You are what you eat?", Held in May 2017, with students of the second year of high school Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da UFRPE, in the municipality of São Lourenço da Mata. As a result of experiences made possible by PIBID-CAPES, this project aimed to highlight the relationship between food tastes and cultural identities, as well as to point out participants as part of the stories we talk about in class. The project was divided into three moments, to discuss identities, gustatory memory and the influence of fast food on students' lives. Throughout the activities, the slate was used as well as life objects of the participants. In order to evaluate the circulation, appropriation and use of shared knowledge in the classroom, written texts were used by the students, as well as observation of participation in the debates. The texts reinforce the Food as a new theme in the classroom, opening new perspectives in the teaching of History.

Keywords: Identities. History of Food. Teaching History.

Introdução

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID -, financiado pela CAPES, busca incentivar e reforçar a importância da formação docente, inserir os graduandos de licenciaturas no cotidiano escolar, bem como articular a relação entre universidades e escolas, como informa o endereço eletrônico da CAPES¹, como se pode observar nas possibilidades de atividades que surgem a partir dele. Surgiu no ano de 2008, atualmente beneficia apenas os graduandos que cursam a primeira metade do curso das licenciaturas.

Este programa oferece autonomia para que cada instituição vinculada decida como será seu projeto, sempre em diálogo com os objetivos do programa. As áreas de cada instituição devem, portanto, caminhar de forma dialógica e consonante, sustentando a argumentação e a necessidade do programa. O PIBID permite que o licenciando atue em

¹ Informações disponíveis em: <https://www.capes.gov.br/pt/educacao-basica/capespibid>. Acesso em: julho 2019.

projetos diversos, sobretudo interdisciplinares. Os projetos dos bolsistas são realizados após observação e compreensão do ambiente escolar, sua dinâmica, suas necessidades. Dessa forma, os licenciandos podem praticar as ideias de que o conhecimento não é isolado, mas que todas as disciplinas escolares têm algo a oferecer umas para as outras. Além do fato que a escola vai além da disciplina escolar, mas envolve outros fatores, uma vez que conhecer a escola e seus estudantes, seus profissionais, inclui ouvir, dedicar atenção e cuidado ao que passa no cotidiano escolar.

A experiência relatada neste artigo está inserida na vivência do PIBID, no Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas da UFRPE, localizado em São Lourenço da Mata – PE. O período de vigência da bolsa – financiada pela CAPES - foi de agosto de 2016 a fevereiro de 2018, durante o qual se desenvolveu projetos trans e interdisciplinares.

Ao se tratar de projetos durante a vigência da bolsa, o trabalho “Você é o que você come?” - objeto deste artigo - foi um desdobramento do trabalho realizado anteriormente (com a mesma turma), intitulado “A História está na mesa!”. Para este, dedicou-se um dia por semana, utilizando aulas vagas de Educação Física, durante um mês. O projeto “A História está na mesa!” buscou abordar a História da Alimentação nos conteúdos programáticos desde a Pré-História até Roma Clássica. Para cada conteúdo, foi realizada uma aula extra, utilizando *slides* para mostrar aspectos histórico-geográficos relacionados aos hábitos alimentares em cada tema.

Seguindo a linha de estudos da História da Alimentação, a partir da observação e diálogos com estudantes, considerou-se importante discutir na sala de aula os conceitos de identidade, identidade cultural, bem como a ideia de “comidas típicas”. As culturas inventam e reinventam, constantemente, o que se deve comer, o modo de preparo e como servir (MONTANARI, 2013). *O marketing*, consegue moldar os gostos e ampliar mercado consumidor. Os adolescentes têm contato com a cultura de *fastfood*, das comidas de praças de alimentação de *shoppings*, que incluem diversas culturas.

Diante de tais influências globalizantes, Stuart Hall (2005, p. 13) fala sobre o indivíduo de múltiplas identidades, em diferentes momentos. Num mundo em grande parte conectado através da internet, onde o indivíduo pode acessar receitas de diversos países com um clique, encaixa-se melhor a ideia de uma identidade flexível e em trânsito. É possível preferir comida japonesa e, por exemplo, meses ou anos depois, preferir a italiana.

O quão somos definidos por aquilo que comemos? As influências multinacionais alimentares crescem. Porém, é importante observar se, a nível pessoal, elas modificam a percepção identitária do indivíduo. As tradições regionais ainda são fortes ao ponto de

caracterizar lugares. Em Pernambuco, como exemplo, uma pessoa pode ser consumidora de iguarias de diversos países, mas ainda assim, afetivamente, estar ligada a memórias das festas juninas da infância, quando a palha do milho queimava na fogueira e o cheiro espalhava no ar, enquanto crianças soltavam fogos. Essa memória gustativa, evocada através de aromas, texturas, até mesmo de uma música que lembra determinado momento, também é parte constitutiva da identidade de cada indivíduo. Como nos diz Mariana Corção, “a memória gustativa ultrapassa a experiência singular na medida em que está relacionada ao cotidiano dos indivíduos, das pessoas e dos grupos” (CORÇÃO, 2010, p. 64). Comer é mais do que se nutrir. É viver e relembrar histórias.

A proposta e a metodologia

A turma do 2ºA do ensino médio do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas das UFRPE, do município de São Lourenço da Mata - para a qual este projeto foi pensado – teve contato com a temática da História da Alimentação através do projeto “A História está na mesa!”, citado anteriormente. Observando-se que o tema teve boa aceitação e gerou curiosidades nos estudantes, foi dada continuidade a esta linha de estudos. A turma era composta por aproximadamente 30 estudantes, dos quais cerca da metade participou dos encontros do projeto. O primeiro encontro ocorreu na própria sala da turma. Porém, os outros dois aconteceram na sala reservada aos bolsistas do PIBID – o que facilitou a realização da proposta. O motivo da mudança foi a dificuldade para que a maior parte da turma participasse das atividades, que, no caso do primeiro encontro, foi constantemente interrompida devido ao barulho.

Com este projeto, o objetivo geral foi destacar a relação entre gostos alimentares e identidades culturais, além apontar os estudantes como parte das histórias sobre as quais falamos. O projeto de intervenção foi organizado em 3 momentos, no mês de maio de 2017: no primeiro, o objetivo foi discutir o sentido da palavra “identidade”, buscando ouvir o que os estudantes compreendiam como a definição da palavra. No segundo momento, nos debruçamos sobre a “memória gustativa” - termo que os alunos desconheciam. O terceiro encontro teve como tema os *fast food* e sua relação com a cultura jovem.

No que se refere a recursos utilizados, a lousa foi explorada em todos os encontros. As aulas do projeto envolveram o uso de objetos da vida dos estudantes, como no caso das fotografias de festas de infância e os documentos de identificação que, comumente, se carregam na bolsa/carteira. A partir destes objetos, foram levantados conceitos, discutidos nos

dois primeiros encontros. Este método se encaixa no que Francisco Régis Lopes Ramos (2004, p. 33) nos fala sobre a utilização de objetos geradores na sala de aula:

[...] Outra opção é trabalhar com objetos que se carregam em bolsas, nos bolsos ou no próprio corpo, como: carteiras de identidade, dinheiro, pente, espelho, caneta, retratos, santos, camisa, sapato, calça... Assim, vão se criando condições para diálogos sobre e com o mundo dos objetos. O importante é que seja construída a circunstância para que se fale sobre objetos da vida cotidiana.

Ao utilizar o objeto gerador no ensino de História, abre-se espaço para ouvir as histórias dos estudantes, como ocorreu de forma mais intensa em um dos encontros, quando um estudante declarou que houve um incêndio em sua casa, que ocasionou a perda de todas as suas fotografias.

Os estudantes envolvidos foram avaliados através de observação da participação e textos escritos. Vale salientar que o projeto não foi utilizado como pontuação em nenhuma disciplina escolar, e a participação nele era voluntária. Nos próximos tópicos, serão relatadas as experiências de cada dia do projeto.

Conversando sobre Identidade(s)

O projeto foi iniciado no dia 17 de maio de 2017. Foi realizado no horário da aula vaga, das 08:30 às 09:20. Para chamar a atenção dos estudantes, utilizou-se a lousa, na qual escreveu-se a palavra identidade. Os estudantes foram questionados sobre o significado daquela palavra. Uma das perguntas norteadoras do debate foi: o que é identidade? Diante das respostas – umas acanhadas e outras não, foi possível exemplificar elementos identitários, alguns, naquele momento, ao alcance dos olhos e das mãos. O objetivo disso foi introduzir os estudantes na discussão sobre identidades e trocas culturais, que apareceria relacionada sobretudo à alimentação. Na sala, foram utilizados diferentes trechos do livro “A Identidade cultural na pós-modernidade”, de Stuart Hall (2005, *passim*). Desse mesmo livro, um dos estudantes leu o trecho sobre a ideia de identidades múltiplas. É importante salientar que durante toda a atividade, os estudantes foram questionados e incentivados a participar do debate.

Partindo da resposta (de um dos estudantes) de que identidade é algo que nos representa, nos define, algo que remete aos afetos, foi mediada uma conversa sobre os documentos oficiais, como o RG, conhecido como carteira de identidade. Uma das perguntas levantadas foi: qual identidade está definida naquele documento? Se aprofundarmos para o sentido menos literal, ela representa uma identidade **plastificada**, quase **plástica**, ou seja, oposto de orgânica: não viva. A carteira de identidade oficial também pode oferecer informações que vão além das palavras escritas, como por exemplo, se a pessoa é escolarizada, quando não pôde assinar o seu próprio nome. Na turma, poucos estudantes

estavam com seus RGs, uns dizendo que preferiam não levar consigo “para não perder, nem ser assaltado”. Porém, a maioria deles estava com suas carteiras de estudante, o que foi entendido como boa oportunidade de explorar o sentimento de identificação deles como estudantes. Ao utilizar esses objetos, fez-se diálogo entre aquilo que é vivenciado e a informação que se deseja passar (RAMOS, 2004, p. 34). Além da carteira estudantil, falou-se, ainda, sobre os uniformes escolares e o que eles representam, bem como sobre os diversos estilos de vida e maneiras de se comportar e se vestir. No caso do uniforme escolar, ele identifica quem pertence à comunidade escolar. A “farda” da escola uniformiza, buscando eliminar individualidades na vestimenta, levando um padrão à comunidade escolar, embora cada um consiga imprimir sua marca ainda que vestindo o uniforme da escola, seja através de calças, sapatos, adereços ou estilos de cabelo. Conectou-se, assim, identidades e pertencimentos.

Conforme Stuart Hall (2005), diante do sujeito pós-moderno, é mais adequado falar em identificação como um processo contínuo. A identidade não está acabada, e não para de sofrer mudanças, porque ela parte “de *uma falta* de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso *exterior*, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”² (HALL, 2005, p. 39). Essa ideia foi observada durante a atividade. Nela, surgiram exemplos de identidades diversas, que podem satisfazer um mesmo indivíduo: uma pessoa pode se identificar como brasileira, mulher, trans, negra, feminista, nordestina, apenas para citar exemplos do que foi falado na sala de aula. Cada uma dessas definições tem seu significado particular, constituindo um emaranhado de identidades que constituem a personalidade do indivíduo.

A partir desta discussão, outras perguntas foram feitas aos estudantes: a identidade limita o indivíduo? Você é menos pernambucano se preferir a comida baiana? Como podemos explicar nosso gosto pelos alimentos que não são “típicos” da região onde vivemos? Foi possível observar uma inquietação no caso da segunda pergunta, e alguns dos estudantes afirmaram não gostar de certas comidas pernambucanas. A intenção era que esse debate pudesse auxiliá-los na compreensão da flexibilidade cultural contemporânea, e abrir caminhos para os temas dos outros encontros.

Conversando sobre memória gustativa: você perde algo da sua história por perder o registro dela?

² Grifos do autor.

Quando surgiu a ideia de trabalhar com alimentação no sentido de elemento das identidades individuais e coletivas, pensou-se em abordar o tema das memórias de infância. Esta parte trabalho teve o aporte teórico de Mariana Corção(2010) como referencial sobre memória gustativa. Além de fortalecer a pesquisa e incentivar o interesse na área de História da Alimentação, pretendeu-se mostrar a importância de levar o tema para as escolas, conforme a proposta de Fábio Pestana Ramos (2013).

Este encontro – o segundo – ocorreu no dia 25 de maio de 2017. Os estudantes levaram fotografias de suas festas da infância, conforme lhes foi pedido no primeiro encontro e pode ser visto na imagem abaixo.



Imagem 1: Fotografias de festas de infância de participantes do projeto.

Mais uma vez, os objetos do cotidiano, da vida dos estudantes, foram fundamentais para a realização da atividade, que começou com uma conversa sobre o conceito de memória e a relação desta com a História. Ricardo Oriá (2013) nos fala sobre o papel da memória para a cidadania cultural. Seu texto refere-se ao patrimônio histórico em geral, porém, é possível aplicar ao campo da alimentação e da historicidade dela, se nos apropriarmos dele para falar sobre memória.

E por que a memória é importante na construção da identidade e da cidadania cultural? Ora, é a memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas. A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha (ORÍÁ, 2013, p.139).

Trazendo para a realidade dos estudantes e para o contexto do projeto, o patrimônio histórico alimentar é peça constituinte da identidade de cada um. Sejam os mercados públicos das cidades, ou até uma data comemorativa de alcance nacional, como as festas juninas, elementos do universo gastronômico ficam guardados nas lembranças dos indivíduos. Aqui, o

sentido usado para o verbo guardar não é o de trancar algo, mas sim de cuidar e proteger o que lhe é cativo. O sentido de preservar.

Voltando para o relato sobre esse dia, alguns estudantes levaram fotografias de festas de sua infância, como já mostrado na Imagem 1. A maioria foi de registros de festas de aniversário. A partir das imagens, conversou-se sobre as memórias que tais imagens traziam. Observou-se o que se apresentava nas imagens. Quais as comidas faziam parte do cardápio naquela época? Vale ressaltar que a maior parte da turma estava na faixa etária dos 15 anos de idade, ou seja: fala-se de uma infância vivida na primeira década dos anos 2000. Para confrontar os cardápios de diferentes tempos, houve uma comparação entre as fotos dos estudantes e as fotos de minha infância, vivida durante a década de 1990. A intenção era que eles pudessem confrontar as características, de épocas distintas. Um exemplo de estranhamento deles para com as minhas fotografias, foram as garrafas de refrigerante. Elas eram de vidro, e tinham a capacidade de 1 litro. Eram conhecidas como cascos. Após o consumo do líquido, deveríamos devolvê-los, para retornar à fábrica e serem reutilizados. Entre várias risadas, um deles perguntou “casco? Isso é nome de coisa, professora?” Mas também algo também me causou estranhamento: em uma das imagens, aparecia um pote com algo que eu jamais havia visto em um aniversário. Ao ser questionada sobre tal alimento, a estudante disse que era estrogonofe. Eu, de imediato, falei “estrogonofe no aniversário, oxente, quem já viu?” Como resposta, os estudantes, no geral, disseram que toda festa tem que ter estrogonofe, do contrário, não é aniversário. Para outras pessoas, é estranha a ideia de que estrogonofe seria comida fundamental em festas de aniversário. Percebeu-se, com este relato, a mudança de hábitos alimentares, e que as memórias de festas mudam de acordo com cada época.

Ainda sobre esse dia, não poderia faltar o relato de um estudante, que não pôde compartilhar suas fotos, e lamentou por isso. Ele será identificado aqui como Adriano. Segundo seu relato, todas as suas fotografias foram perdidas em um incêndio que ocorreu na sua casa, há anos. Deve-se considerar que, na primeira década dos anos 2000, ainda não era comum a presença de câmeras digitais em diversos setores sociais no Brasil, e ainda se usava a câmera analógica, que funcionava à base de filmes fotográficos, os quais deveriam ser revelados, permitindo o armazenamento das imagens em meio físico. No caso desse estudante, as fotos não foram digitalizadas, o que levou à perda do registro das mesmas, restando as memórias dos eventos que elas registravam. O relato dele introduziu a seguinte questão no debate: você perde algo da sua história por perder o registro dela? Adriano respondeu imediatamente que “não”. Quando indagado sobre o porquê, falou “ainda tenho as

lembranças e isso vai ficar”. O debate continuou neste caminho, pois abriu espaço para falar sobre o que é história e o que é memória, sobre os registros das memórias, sobre história oral.

As fotos de festas de infância também trouxeram à tona recordações de momentos diversos da vida de cada um presente. A ideia de memória gustativa consiste nas lembranças e evocações do passado a partir do que envolve os alimentos: o sabor da comida da vovó, ou o cheiro do milho assando na palha na fogueira de São João. Podemos identificar semelhança entre a memória gustativa e a memória involuntária de Proust (2006), com as lembranças e evocações do passado trazidas pelos biscoitos madalena. Do mesmo modo, as fotos de festas de infância, utilizadas na sala de aula, dialogam com a memória involuntária de que Proust fala, e serviram também para mostrar aos alunos que suas histórias de vida importam, sim, e relatos como o de Adriano são ricos para o debate nas aulas. Não houve um momento separado para falar de memória gustativa, apenas um momento para falar do conceito, até então, desconhecido para eles e elas. O tema se fez presente durante toda a atividade.

Ao final, pediu-se que os estudantes escrevessem um texto sobre a importância de preservar as memórias. Foi sugerida uma pesquisa sobre o doce ou salgado favorito, que fizesse parte das festas de infância.

Comida rápida e juventude: globalização do comer

Para finalizar os três encontros planejados para o projeto, realizou-se no dia 01 de junho de 2017 a atividade sobre *fast food* e sua influência nos hábitos alimentares, particularmente na cultura jovem, conforme mostra o texto base usado na preparação dessa atividade, intitulado “A ‘McDonalidização’ dos Costumes”, de Claude Fischler (2015). Tal tema aproximou, ainda mais, a discussão com a realidade dos estudantes, que fazem parte de um dos públicos para os quais as propagandas de franquias de lanches se destinam. Vale observar que, ainda que sejam alimentos produzidos de forma mecânica e rápida, os ambientes de *fastfood* proporcionam momentos de convívio, sobretudo entre o público jovem – frequentadores mais assíduos, segundo Fischler (2015).

No início da atividade, foi lançado à turma o questionamento: quando teria começado o processo de globalização? Houve respostas como “quando surgiu a internet”, ou “quando os povo (sic) veio da Europa pra cá”. Esta fala dialoga com o que Serge Gruzinski (2003) chama de “mundialização”, ou ainda “planetarização”, devido à mudança de escalas que a expansão marítima europeia causou. No caso da primeira resposta, pode-se observar a conexão que se faz entre o global, e o alcance das tecnologias do século XX, popularizadas no século XXI.

Após introduzir o tema do dia, fez-se uma breve dinâmica, inspirada no texto de Fischler (2015) sobre as franquias de *fast food*. Este autor nos conta sobre o surgimento da franquia McDonalds, o seu contexto, seu público-alvo, e as mudanças que sofre em alguns países do mundo, devido aos seus costumes. Fischler (2015, p. 854) cita o taylorismo aplicado a essas franquias de alimentos, nas quais o lanche, a refeição, é preparada, ou melhor dizendo, montada mecanicamente, ainda que por funcionários. Os movimentos, repetidos dezenas, centenas de vezes, se tornam quase automáticos, como no filme de Charles Chaplin, “Tempos Modernos”. Na dinâmica, os estudantes interpretaram o papel de funcionários de uma franquia fictícia. Um deles foi o cliente da franquia, que fez o pedido. Cada um dos funcionários desenhou, o mais rápido possível, uma parte do lanche na folha de papel, passando-a para o colega ao lado. Assim, um desenhava o pão, outro o hambúrguer, outro os vegetais, o molho. Nesse momento, houve inquietação na sala, pois alguns deles afirmaram que não sabiam fazer. Uma estudante afirmou ter errado o desenho, e obteve a resposta do dono da franquia – representado por mim - de que, ao estragar o lanche do cliente, teria desconto no seu salário. Nesse momento, ela retrucou “oxe!”. A realização dessa dinâmica permitiu ilustrar, em parte, a realidade do preparo dos alimentos nessas franquias.

A partir daí, utilizou-se a lousa para escrever ideias e exemplos da turma em relação a *fast food* em contraposição a *slow food*. Este termo causou estranhamento na maioria dos que estavam presentes. O debate não girou em torno de demonizar as comidas de franquias de *fast food*. Pelo contrário, desenvolveu-se as impressões sobre as sociabilidades que tais franquias podem oferecer. Para um grupo de adolescentes entre 15 e 17 anos, que têm pouco tempo para se ver, a não ser na escola, comer em uma dessas franquias, com os amigos, não é desumanizador, tampouco individualizante. Os estudantes relataram que esses lugares trazem várias lembranças agradáveis. Foi possível recordar o que se falou sobre memória gustativa, no encontro anterior. Entre as comidas mais citadas por eles como *fast food* estão: hambúrguer, batata frita, *milk shake*. Um deles citou feijoada neste grupo, o que gerou inquietação e risadas na turma. Esse exemplo não foi ignorado, e conversamos sobre a importância do referencial. Feijoada pode ser considerada comida rápida para quem chega e a encontra pronta, ou paga um valor no restaurante e tem o seu prato em pouco tempo. Porém, para quem prepara, dificilmente será considerada uma comida rápida. Em contrapartida, entre os alimentos listados como *slow food* estão: comida de casa, churrasco, lasanha. Mais uma vez, abordamos a importância do referencial. Além disso, um alimento congelado, adquirido em um mercado, também pode adquirir uma ou outra característica de *slow food*, apesar de estar pré-cozido. Dependerá do uso e da sociabilidade de quem irá consumir. Como já foi

dito, alimentar-se é mais que nutrir o corpo. Trata-se de viver, conviver e relembrar histórias. Por exemplo, pode-se comprar duas lasanhas congeladas, chamar um amigo, e ter momentos de boa conversa que em nada se parecem com a ideia de comida rápida e desumanizada que comumente se tem.

Durante a atividade, ao falar de lugares de sociabilidades e de globalização, também se falou sobre as praças de alimentação de *shoppings centers*, onde é possível encontrar alimentos de diversas culturas, como *sushi*, *croissants*, *falafel*, feijoada, entre outros. É nesses lugares que se encontra grande quantidade de jovens, como os estudantes envolvidos no projeto. Eles foram questionados sobre a quantidade de culturas alimentares com as quais têm contato, retomando o debate sobre identidades culturais, do primeiro dia, conforme Montanari (2013) nos fala do gosto como um produto cultural, inacabado, passível de transformações a todo momento, pois as identidades culturais “[...] se modificam e se redefinem incessantemente, adaptando-se a situações sempre novas, determinadas pelo contato com culturas diversas” (MONTANARI, 2013, p. 184), dialogando, assim, com Stuart Hall (2005).

Ao final do encontro, voltou-se a mencionar o lugar da identidade regional dentro desse grande arco globalizante que nos envolve. Os estudantes, em suas falas, demonstraram compreender que não se perde uma identidade local ao agregar elementos de outras culturas. Tais elementos podem evocar mais lembranças do que aqueles de uma dita cultura local, que, nem sempre, é significante para o indivíduo. É preciso considerar o lugar social de cada um e suas experiências. Ao finalizar esse encontro, foi sugerido aos alunos a escrita um texto sobre a sua relação deles com as comidas típicas pernambucanas, deixando em aberto para que relatassem suas experiências, lembranças e impressões.

Avaliando circulação, apropriação e uso do conhecimento

A participação no projeto foi voluntária, e não vinculada a qualquer tipo de pontuação extra em suas notas. A observação do envolvimento da turma nos debates foi uma das maneiras de avaliar. Foi perceptível o interesse nos novos termos e, em alguns casos, a utilização deles nos textos solicitados. Estes constituíram outra forma de avaliar a maneira como os estudantes se apropriaram e usaram os conhecimentos compartilhados nos debates. Para avaliar a aprendizagem, é importante considerar o desempenho individual, ao invés de utilizar critérios generalizantes (SANT’ANNA, 2010), por isto, foi solicitado a cada estudante a elaboração de um texto. Os textos tiveram temas diferentes, de acordo com o dia e a temática.

O texto sobre a importância de preservar as memórias foi entregue por três dos 15 participantes. Para preservar as identidades, os nomes dos estudantes, aqui, são fictícios. Como amostragem, foram selecionados três textos. A aluna Clara (15 anos) escreveu que a importância de preservar as memórias se dá pelo fato de que “nossas memórias nos torna (sic) únicos. Além disso, penso também que através delas podemos rever nossos conceitos, comparar os tempos vividos e tirar importantes lições delas”. Já o texto de Fabiana (15 anos) conectou memória e identidade cultural, como podemos observar a seguir

[...]Com a memória podemos comparar o que somos e o que éramos, se a nossa **identidade cultural** continua a mesma e/ou se obtivemos outras. As lembranças boas tentamos levar conosco até o fim. Queremos contar, mostrar, para próximas gerações e poder relembrar todos os momentos, as *sensações*. Assim, registramos em fotografias, filmagens, textos, entre outros. para levarmos a memória material, **mas com a perda dessa material nossas memórias não iram (sic) se ‘apagar’ estará (sic) guardada em nossa mente, memória imaterial.**

Os grifos do texto de Fabiana foram colocados para ressaltar a presença de ideias discutidas na sala, durante o projeto. Primeiro, identidade cultural, que a estudante demonstrou compreender ser flexível e sofrer mudanças. Depois, as sensações evocadas pela memória gustativa e, por último, sobre o registro histórico e as memórias. A fala da estudante, remete ao caso de Adriano, que perdeu todas as suas fotografias em um incêndio.

Como um último exemplo desses textos, está o de Rafaela (15 anos), que fez a seguinte afirmação:

Guardamos memórias porque elas são uma parte de quem somos, uma parte que compõe nosso interior e nossa história. Guardar uma memória é importante porque é através de memórias que encontramos respostas.

Esse trecho nos diz que, atualmente, temos necessidade de compreender o mundo ao redor. Podemos relacionar essa fala ao texto de Rüsen (2001) que discorre sobre as carências de orientação no presente, às quais buscamos suprir através da pesquisa histórica. Ainda sobre esse texto, vale informar que foi o único ao qual a autora deu um título “Preservação de Reminiscências”, mesmo ele sendo facultativo.

Comparando a quantidade de participantes, houve poucos textos. A maioria dos estudantes se mostrava resistente quanto à escrita de textos, pelo fato de o projeto “não valer ponto”. Qual o peso disso? A partir dessa observação e questionamento, surge espaço para outros trabalhos, que abordem a relação entre a avaliação da aprendizagem e o sistema de notas, tão valorizado em nossa sociedade.

Foram entregues cinco textos a respeito da pesquisa sobre o doce ou salgado favorito. Outros estudantes afirmaram ter esquecido a pesquisa, ou alegaram dificuldade para encontrar dados sobre o que escolheram. O propósito dessa atividade foi incentivar a pesquisa

extraescolar e proporcionar conhecimentos adicionais aos estudantes. Dos cinco textos analisados, observou-se destaque a duas sobremesas: brigadeiro e pudim. Ao serem questionados sobre o que mais chamou a atenção durante a pesquisa, informaram: a) Sobre o brigadeiro: a curiosidade de terem sido as eleitoras do candidato à presidência da República brasileira aquelas que “divulgaram” o doce. Entretanto, de acordo com as pesquisas que fizeram, Os próprios estudantes questionaram a veracidade de tal informação. b) Sobre o pudim: a estudante Susana (16 anos) relatou ter ficado surpresa por descobrir que a sobremesa fora inventada em uma abadia portuguesa.

O texto escrito ao final do projeto deveria abranger a relação de cada um com a comida pernambucana. Desta vez, foram entregues quatro textos, dos quais dois foram utilizados como exemplos. Essa escolha foi intencional e deveu-se ao fato de haver grande semelhança entre os outros, sugerindo uma cópia. O de Clara menciona seu carinho pela comida pernambucana. Ela nos informa que cresceu “em volta de uma família que vivia em meio a fogões”, o que lhe traz diversas lembranças até hoje. Pode-se observar os afetos que envolvem a comida, para Clara:

Por exemplo, de quando chegava a época junina e minha mesa só vivia cheia de pamonha, canjica, milho cozido, munguzá e várias outras comidas típicas; e quando os membros da minha família juntavam-se no quintal para juntos assarmos e comer milho[...].

Os afetos também estão presentes no texto de Rafaela:

Acho que possivelmente, se acordasse do outro lado do mundo, e se estivesse com um prato de arroz doce ou buchada do lado, mesmo não gostando de buchada, eu lembraria de casa, me sentiria mais em casa do que realmente eu estaria. O ponto onde estou tentando chegar é que minha ligação com a comida da minha terra, a comida Pernambucana, é uma ligação afetiva [...].

Esse texto também recebeu um título especial “Preparando Afeições”. Rafaela demonstrou, durante todo o projeto, dedicação, curiosidade, disposição para aprender novos conceitos e se inserir nos debates. O mesmo vale para todos os estudantes aqui citados. Poucos, entre os que participaram, ficaram alheios à discussão, ainda que não tenham escrito os textos. Vale mencionar o interesse de um dos participantes, Diego (16 anos), em preparar receitas. No segundo encontro, ele se ofereceu para preparar um “bolo Oreo” (ver Imagem 2), com a ajuda financeira de todos, para uma confraternização do projeto, que aconteceu no dia 8 de junho de 2017.



Imagem 2: bolo Oreo preparado por estudante com a colaboração financeira dos outros participantes do projeto

O resultado mostra o envolvimento e iniciativa dos estudantes com o projeto do PIBID, bem como o desenvolvimento de uma relação afetiva ao longo dos projetos realizados na escola. Este é um exemplo de como a educação vai além do conteúdo curricular, pois ensinar História (ou qualquer outra disciplina) não se resume ao currículo, incluindo também os temas relativos ao “sentido da existência humana individual, com sensibilidade pessoal e social”, como argumentam Antônio Joaquim Severino e Selma Garrido Pimenta (2011, p. 15).

Considerações finais

Diante do que foi exposto nesse artigo, considerou-se que os objetivos do projeto foram alcançados. Os estudantes envolvidos participaram dos debates e da escrita dos textos, embora estes em menor número. Porém, sabe-se que a avaliação vai além de verificar respostas em exercícios, e deve ser feita de maneira processual. Ao longo do projeto foi possível observar o desenvolvimento das narrativas dos participantes e a apropriação dos conhecimentos expostos na sala de aula. Para eles, foi uma novidade, apesar de já terem contato com História da Alimentação no projeto anterior. Ensinar e aprender História pode ser agradável e – por que não? – descontraído. Sabe-se que alguns temas dificilmente podem ser abordados de uma maneira “divertida”. Porém, no caso da História da Alimentação, existe grande potencial para conquistar os alunos, até mesmo os que dizem não gostar de História. Todos precisam comer, embora grande quantidade de pessoas não tenha alimentos disponíveis da forma que seria adequada à sobrevivência humana. A necessidade de se alimentar é algo que não muda, independente da camada social, do país e da época vivida. O que se come, a forma como preparamos os alimentos, como servimos e com quem apreciamos, são fatores que sofrem influências em cada sociedade e momento histórico.

Atualmente, nos conectamos cada vez mais a outros lugares sem sequer sair de casa. Com este projeto, foi possível dialogar com as experiências de alguns adolescentes, inseridos em uma cultura cujas trocas culturais estão cada vez mais presentes no cotidiano, como nas praças de alimentação de *shoppings*. Nem sempre as experiências desses adolescentes são ouvidas. Em uma sociedade cuja educação se volta gradualmente para o mercado de trabalho, os relatos de experiência são pouco valorizados, em detrimento de exames de verificação que atribuem números ao desempenho. Neste sentido, reforça-se aqui a importância do olhar humanizado na avaliação escolar. Cada indivíduo, com múltiplos sentimentos de pertencimento ou de exclusão em relação a diversos temas, pode se perceber como sujeito de identidades múltiplas, que não precisam anular umas às outras.

Além de mostrar que é possível ensinar História por um caminho alternativo, o PIBID proporcionou a satisfação de ver os estudantes se sentirem contemplados pelo tema do projeto, enxergando-se como sujeitos históricos. O PIBID permitiu experiências no ensino e na pesquisa, além da vivência na sala de aula de forma humanizada, e não mecânica – ou até mesmo plástica. Tal projeto, realizado em 2017, deu continuidade à abordagem do ensino de História através da Alimentação. E não foi o último durante a vigência da bolsa do PIBID – o que pode ser relatado em outros artigos. O projeto “Você é o que você come?” abriu novas perspectivas para os estudantes e comprovou, mais uma vez, o êxito de utilizar Alimentação no ensino de História.

Bibliografia

Livro

FISCHLER, C. A “McDonaldização” dos costumes. In: FLANDRIN, J.L.; MONTANARI, M. **História da Alimentação**. 8ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2015. p. 841 – 862.

HALL, S. **Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 7 – 46.

MONTANARI, M. **Comida Como Cultura**. 2ed. São Paulo: Editora Senac, 2013.

ORÍÁ, R. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, C. (Org.) **O saber histórico na sala de aula**. 12 ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 128 – 148.

PIMENTA, S. G.; SEVERINO, Antônio Joaquim. Apresentação da coleção. In: BITTENCOURT, C. M. F.. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 4ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 13 – 21.

PROUST, M. **Em busca do tempo perdido: no caminho de Swan**. Vol. 1. 3 ed. São Paulo: Globo, 2006. p. 18 – 45. Disponível em: <<<http://sanderlei.com.br/PDF-Download-Book-Livro-Baixar-Online/Marcel-Proust/No-Caminho-de-Swann-Em-Busca-do-Tempo-Perdido%E2%80%93Vol-1>>>. Acesso em: setembro de 2017.

RAMOS, F. P. Alimentação. In: PINSKY, C. B. (Org.). **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 95 – 118.

RAMOS, F. R. L. **A danação do objeto: o museu no ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004. p. 31 – 36.

RÜSEN, J. **Razão histórica: Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. p. 25 – 41.

SANT'ANNA, I. M. **Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos**. 14ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 7 – 20.

Artigo de periódico

CORÇÃO, M. O Folclórico Bar Palácio e os temas da memória gustativa. In: **Saeculum**. n. 23, jul./dez. 2010. p. 61 – 74. Disponível em: <<<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/srh/article/view/11520/6617>>>. Acesso em: setembro 2017.

GRUZINSKI, S. O historiador, o macaco e a centaura: a “história cultural” no novo milênio. In: **Estudos Avançados**. V. 7, n. 49. Disponível em: <<<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9960/11532>>>. Acesso em: setembro de 2017.

Anexo (1)

Normas para submissão – Revista eletrônica AEDOS

Diretrizes para Autores/as

A revista Aedos é voltada à publicação de trabalhos acadêmicos na área de História (e/ou de outras áreas, desde que estabeleçam diálogo com a História), produzidos por pesquisadoras/es graduadas/os e pós-graduadas/os, na forma de artigos, resenhas de livros e entrevistas.

Os materiais para publicação deverão ser submetidos de modo anônimo através da página da revista, e obedecer aos seguintes requisitos:

Normas de publicação

Para efeitos de padronização gráfica, os trabalhos devem seguir, rigorosamente, as normas abaixo especificadas. Ressalta-se que os trabalhos que não se enquadrem nas normas serão recusados.

Artigos

Os artigos devem respeitar os limites de 15 a 25 páginas, digitadas em programa Word for Windows ou compatível, em formato A4, com margens de 2,5 cm e salvos em formato DOC ou DOCX. Devem conter:

1. Título: centralizado, em negrito, com inicial maiúsculo, fonte Times New Roman tamanho 14.
2. Não deve ser colocado nenhum dado relativo à autoria no documento (nome, titulação e email).

Essas informações constam no Cadastro no Sistema da Revista e serão acrescentadas, após a aprovação do texto, pelos editores. Ressalta-se a importância de preencher corretamente o cadastro.

3. Resumo: Resumo e abstract ou resumé de até 10 linhas, três palavras-chave e três keywords ou mots-clés. Fonte Times New Roman 10, com espaçamento entre linhas simples, com o alinhamento justificado e em bloco.

4. Corpo do texto:

- 4.1 Fonte: Times New Roman tamanho 12.

- 4.2 Espaçamento entre linhas: 1,5.

- 4.3 Espaçamento entre parágrafos: 0.

- 4.4 Alinhamento: justificado.

- 4.5 Recuo da primeira linha: 1,25 cm à margem esquerda.

4.6 Subtítulos: em negrito e justificado; sessões devem estar em itálico e justificado.

4.7 Expressões em língua estrangeira: itálico.

4.8 Referências no texto: padrão autor-data (AUTOR, 2015, p. 23).

4.9 Citações: de até três linhas devem ser destacadas entre aspas no corpo do texto. As citações que ultrapassarem esse limite devem ser destacadas com recuo à esquerda de 4 cm, em bloco, espaçamento simples, fonte Times New Roman tamanho 10, sem aspas e separadas por espaço simples dos parágrafos superior e inferior. No caso de eventuais cortes nos trechos citados, a exemplo do uso reticências ou da introdução de determinados termos, as intervenções devem aparecer entre colchetes.

4.10 Notas de rodapé: fonte Times New Roman tamanho 10, com espaçamento simples e com o alinhamento justificado. Não utilizar “notas de fim”.

5. Os textos podem conter ilustrações, gráficos, tabelas e quadros, sendo indispensável mencionar na legenda o título e as fontes utilizadas. Imagens (fotos ou figuras) devem ter resolução mínima de 300 dpi, em formato JPG, JPEG ou PNG. Esses elementos devem ser inseridos no corpo do texto. Seu local deve ser indicado no texto e suas legendas devem constar no marco da figura e na parte inferior, em fonte Times New Roman tamanho 10, com espaçamento simples.

6. As páginas não devem ser numeradas.

7. A bibliografia deve estar em fonte Times New Roman tamanho 12, com espaçamento 1,5, alinhamento justificado e sem espaço entre os parágrafos. E seguir os seguintes modelos:

Livro

Dissertações e Teses